
In Praise of Lies de Patrícia Melo, tradução de Clifford Landers, New York: Bloomsbury, 1999, 187 pp.

O projeto comercial de uma tradução geralmente pressupõe a adaptação do livro a um mercado consumidor diferente, com estimativas de custo/benefício e o uso de estratégias de marketing adequadas. No caso de *In Praise of Lies* — tradução, por Clifford Landers, de *Elogio da Mentira*, de Patrícia Melo (Cia das Letras, 1998) — tal adaptação, pela Bloomsbury (1999), foi uma flagrante redução. O livro foi direcionado para o nicho dos *crime novels*, tradicional nos mercados de língua inglesa, sendo rotulado na contracapa como “a brilliantly clever, fiendishly funny *crime novel* about a woman who raises poisonous snakes and the man who loves her enough to attempt murder (...) *above all, a glorious page turner*” (meu itálico).

Se a modernidade, como sugere Zygmunt Bauman em *Modernity and Ambivalence* (Cambridge: Polity Press, 1991), é um esforço industrial constante, calculado e metódico contra qualquer ambivalência, o trabalho da

Bloomsbury é um grande exemplo dessa ‘modernização’ no mercado editorial. No livro de Patrícia Melo, o que há de *crime novel* — um homem que se torna amante e depois marido de uma sub-reptícia criadora de serpentes, matadora de maridos — é apenas parte da trama, mas a ambivalência do texto, que poderia ser valorizada e saboreada, vai muito além da trama: *Elogio da Mentira* é um livro sobre livros, sobre cópias, plágios, traduções, com um resultado altamente irônico em relação a escritura, intertextualidade, autoria, canonização e comercialização.

Copiando maquinalmente tramas de clássicos anglo-americanos para edições baratas da editora Minnesota, vendidas em bancas sob pseudônimo, o protagonista, José Guber, se dizia “uma espécie de operário da seção de enrolamento de uma fábrica de sal-sicha”. Mas com toda a dignidade: “eu dava ao leitor menos privilegiado a oportunidade de ler Shakespeare, Chesterton, Poe e muitos outros autores importantes” (23). Quando passa a escrever auto-ajuda e depois esoterismo, tornando-se milionário, Guber apenas passa de uma interminável corrente industrial de cópias para outra. O deboche ao mercado edi-

torial contemporâneo, em particular aos de *crime novels*, auto-ajuda e esoterismo, é realçado pelo capricho inteligente da edição brasileira, mesmo sem recurso ao luxo (R\$16,00). A capa é um livro antigo, por sua vez com capa imitando pele de cobra — cascata sintética de cópias e disfarces. O trecho escolhido para a contracapa — em que Wilmer, editor da Minnesota, cobra de Guber o cumprimento das regras (copiadas) de Van Dine — dá uma idéia das linhas de montagem editoriais de que o livro trata.

A tradução para o inglês automática e inevitavelmente realça ainda mais (para quem quer) a dinâmica do deboche. Entre os livros copiados, Guber cita geralmente traduções, mas também originais em inglês, como *The Talented Mr. Ripley*, dando a entender que ele também traduzia para copiar. O ‘original’ de Patrícia Melo é também, em parte, ironicamente anglo-americano. O ‘estilo narrativo’, as fontes das cópias, os princípios e métodos dos editores, as referências culturais — *National Geographic*, ‘meu chevrolet’ etc —, nomes como Wilmer, Minnesota, ou o Wells Fargo Bank de Campbell, CA, tudo isso é anglo-americano (mais

americano). Shakespeare, por exemplo, é citado a partir da tradução de Millôr Fernandes, e agora volta ao inglês (embora sem que a Bloomsbury cite a fonte). Um pouco de Chandler vai às bancas brasileiras e volta às livrarias inglesas e americanas.

A Bloomsbury, porém, mostrando seu lado Minnesota, segue suas regras estritas, esforça-se para se esquivar de qualquer questionamento ou ambigüidade que tudo isso possa suscitar. O que há de americano no livro é prontamente comprimido, empacotado e rotulado na contracapa: “written in the tradition of the classic American noir...”. A edição é quase espartana (embora mais cara, US\$ 13,00), corriqueira, apressada, planejada a partir da ‘historinha’. A capa, com uma foto excessivamente enigmática, não tem orelhas, como se nada precisasse mesmo ser acrescentado. A significativa epígrafe principal (“a mente humana é mais suscetível à mentira do que à verdade”), de Erasmo, origem do título nas duas línguas, foi simplesmente cortada, assim como a página com título e epígrafe do primeiro capítulo (incluindo uma inspirada citação de Sêneca: “aquilo que é bem dito por outro é meu”); o mesmo para a

dedicatória a Rubem Fonseca. Já as páginas com títulos e epígrafes dos outros capítulos permaneceram, o que é no mínimo incoerente.

O mesmo esforço de redução/esquivamento afetou o texto, é claro. A primeira adaptação drasticamente redutora aparece na disciplinarização dos diálogos. Ao contrário do que acontece nas traduções de José Saramago pela Harcourt Brace, por exemplo, o livro em questão deliberadamente despreza a fluência torrencial das falas em Patrícia. Se no original elas se sucedem através apenas de vírgulas e marcações simples como “eu disse” ou “ela disse”, no inglês todas elas ganham aspas, e muitas são separadas por pontuação diferente, travessões, parágrafos e até conjunções. Alguns diálogos ganham a forma tradicional, cada fala num parágrafo. Tudo isso corta ambigüidades saborosas, como em “Continuei olhando, atrevido, ela disse, sei que ela gostou” (17), que passou a ser “I went looking. ‘Fresh’, she said, but I know she liked it” (7-8).

Há, sem dúvida, boas soluções de tradução, como para o cacófato de *Dê Uma Mão a Você Mesmo*, título que Guber sugere para seu livro de auto-ajuda. A solução de Landers foi traduzir o título lite-

ralmente, *Give Yourself a Hand*, fazendo a reclamação sobre cacofonia, por parte do editor (“um mamão?” — 95), corresponder a uma reclamação vaga sobre duplo sentido: “*Give Yourself a Hand? Won’t people think of —?*”. Além de censura moralista, a interrupção da fala do editor por Guber serve para reafirmar o sentido de masturbação sugerido: “People like double meanings, specially sexual ones” (88). Se na argumentação que se segue Guber lembra a legitimação do cacófato pela academia através de “Alma minha [gentil que te partiste]”, abertura de um dos sonetos de Camões reunidos em *Rimas*, Landers inteligentemente escolhe o “country matters”, de Shakespeare, também conhecido por seu ‘segundo sentido’ sexual. A escolha é acertada, ainda que em Shakespeare, neste caso, apareça um tom malicioso que não caberia no verso de Camões. A expressão está no ato 3, cena 2, de *Hamlet*, aquela em que os atores apresentam uma pequena peça de teatro à corte (reproduzindo e assim denunciando a trama que vitimou o rei, pai de Hamlet). Na platéia, Hamlet pergunta a Ofélia: “Lady, shall I lie in your lap?”. Ofélia nega, assustada, entendendo que

Hamlet gostaria de se deitar sobre ela; Hamlet esclarece tratar-se apenas de deitar a cabeça em seu colo, ali mesmo. E pergunta a Ofélia: “Do you think I meant country matters?” (linha 109). Em *Shakespeare’s Bawdy* (New York: E. P. Dutton, 1948), Eric Partridge sugere a associação fonética de ‘country’ com o obsceno ‘cunt’ (‘boceta’), o que indica a intensidade do trocadilho.

De modo geral, gírias, palavras e outros coloquialismos encontram correspondências igualmente fluentes, como “alguém que junte as pistas e encontre quem fez a confusão” (36), que passou a ser “somebody who can put clues together and point out whodunit” (27). Há também aqueles desafios costumeiros em tradução, para os quais Landers encontrou soluções mais ou menos satisfatórias, trocando jiló (147) por Brussel sprouts (143), por exemplo.

As soluções redutoras, porém — algumas revelando até descaso — são mais frequentes. Além da disciplina das aspas e da pontuação, a ambigüidade é eliminada por outros meios. Rosário, a mãe de Guber, crente, cita numa carta algo que ela atribui a Isaías (“Quem zomba da linguagem do enviado de Deus amargará com a lingua-

gem do castigo” — 147). O tradutor não só ‘corrige’ a citação (“They mocked the messengers of God, and despised his words, and misused his prophets, until the wrath of the Lord arose against his people, till there was no remedy” — 143) como também a refere ao livro em que ela de fato aparece na Bíblia: não em Isaías mas no segundo das Crônicas, 36:16. A ‘correção’ elimina uma possível ironia aos crentes e seus erros de referência bíblica. O mais correto aqui seria uma nota do tradutor; mudar as palavras da personagem foi uma atitude no mínimo arrogante.

O desconhecimento de certas nuances da língua brasileira também é nítido. Quando Guber descreve a primeira imagem que viu de Fúlvia Melissa, a criadora de cobras, termina dizendo: “Cabelos curtos, lisos, sobranceiras grossas, gostei” (15). Esse ‘gostei’ brasileiro alude não só a Fúlvia, mas, muito ambigüamente, à cena, às possibilidades imaginadas etc. Além de usar um travessão disciplinador, a tradução eliminou tudo isso com “— I liked *her*” (5). A atualidade de “arrebentar a boca do balão” (169), expressão dos anos 80, perde-se na antiga “hit the jackpot” (166). E quando o tio

de Guber diz que uma mulher que perde um filho “pode tudo” (44), ele se refere a uma absoluta indulgência trazida pelo sofrimento, não a uma nova capacidade, como em “[she] can face up to anything” (36).

O descaso mesmo surge quando a tradução explicitamente se esquivava de lidar com a macumba. A própria palavra é traduzida por “witchcraft”, termo associado a feitiçaria européia. À exceção do termo ‘terreiro’, reproduzido sem alteração, apenas com uma breve explicação do próprio Guber (“the worship site” — 161), as soluções são sempre apressadas. Lança-se mão até da simples eliminação de um termo ‘problemático’: “Dadá era um pai-de-santo de confiança” (165) passa a “Dadá was trustworthy” (161). O mesmo ter-

mo, num trecho em que a eliminação não foi possível, virou “voodoo priest” (174), enquanto o cabelo tingido de acaju de Dadá passou a exibir um sofisticado “Titian hue” (162). A maior feitiçaria, porém, recaiu mesmo sobre o cavaquinho tocado no terreiro, que adquiriu um som havaiano ao se converter em ukulele (170). Novamente a solução estaria nas notas, mas é curioso o quanto um cuidado maior com a diferença cultural soaria descabido ao baixo investimento de uma editora no lançamento de novos talentos estrangeiros, por mais promissores que sejam. A mesma solução fica, pois, adiada para uma lucrativa edição das obras completas de Patrícia Melo em inglês, no caso de um dia ela ser canonizada.

Luiz Felipe G. Soares